

## CHAVES: O SEGREDO DO SUCESSO<sup>1</sup>

Wolfgang Queiroz PISTORI<sup>2</sup>

Jacqueline Fernanda Mendes DE BRINO<sup>3</sup>

Igor José Siquieri SAVENHAGO<sup>4</sup>

Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, SP

### RESUMO

O objetivo deste livro-reportagem foi explicar alguns dos motivos que fazem e fizeram do seriado de TV mexicano Chaves fenômeno de audiência por mais de trinta anos em cerca de oitenta países por onde foi adaptado e transmitido. Entenda-se por fenômeno um programa que atingiu a liderança em todos os países onde foi exibido, assistido por mais de duzentos e cinquenta milhões de pessoas no planeta. A impressão obtida por meio de relatos de fãs, de diferentes faixas etárias, local de nascimento e perfis, da série e que contaram alguns episódios da vida ligados ao programa em questão ajudou a mostrar a popularidade atingida pela série. Posteriormente, os autores consultaram opiniões de especialistas em linguagem e filosofia para traçar um paralelo entre a ficção da Vila usada como cenário para Chaves e a realidade socioeconômica da América do Sul, mais precisamente, do Brasil.

**Palavras-chave:** audiência; filosofia; linguagem; seriado; televisão.

### 1 INTRODUÇÃO

Falar sobre o seriado Chaves é entrar em contradição quanto à credibilidade do conteúdo. Apesar de ter, em algum momento, atingido a liderança de audiência em todos os países da América Latina nos quais foi exibido, o seriado ainda é tido como superficial e que não oferece embasamento para estudos, acadêmicos ou não. O intrigante é que, quando

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Interpretativo.

<sup>2</sup> Aluno-líder e estudante, em 2011, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: wolfgangpistori@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante, em 2011, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: kcajgraf@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: tatigor.sav@gmail.com

analisamos a equação tempo/diversidade de episódios exibidos, não há respostas imediatas para explicar o tamanho do sucesso de público atingido pelo seriado, sobretudo no Brasil. Há 27 anos, os mesmos 150 episódios do seriado são exibidos pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), num esquema de revezamento, e, mesmo assim, com repetições atrás de repetições, a emissora paulistana consegue índices de audiência que estão entre os melhores de toda a programação.

Um exemplo desse êxito aconteceu no dia 18 de outubro de 1999, quando a apresentadora Ana Maria Braga, fenômeno de audiência para os padrões da época da Rede Record, transferiu-se para a Rede Globo, líder absoluta de audiência até os dias de hoje. Mas na estreia de Ana Maria na Globo, o SBT colocou um episódio de Chaves para concorrer com a nova atração da rival. O resultado, segundo o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), foi 16 pontos de audiência para Chaves contra 8 do Mais Você.

No final da década de 1990, o seriado Chaves batia a concorrente mais poderosa quase todos os dias e, em dezembro de 2000, o menino do barril atingiu seu ápice: 20 pontos de média no mês.

Humoristas e atores brasileiros, principalmente os que trabalham em televisão, tentam encontrar uma fórmula sem data de validade para suas piadas. Enquanto isso, o seriado Chaves é exemplo de sucesso no quesito, sem que haja renovação do repertório. O que chama a atenção de profissionais é a falta de recursos com os quais o seriado foi feito e, mesmo assim, conseguiu ser sucesso de público. No livro *Chaves de um Sucesso*, o jornalista Pablo Kaschner (2007) afirma que séries infantis mais modernas, como as feitas em computação gráfica e com produção muito mais cara, caem no esquecimento em pouco tempo, ao contrário da série Chaves. Outro fato que confirma o êxito do programa é a comparação, feita por alguns estudiosos no continente americano, do autor do seriado, Roberto Gomes Bolaños, que interpreta o Chaves, com o escritor William Shakespeare, tido por especialistas e simples leitores como um dos maiores escritores da história da literatura mundial. É dessa comparação, por exemplo, que surgiu o apelido de Bolaños, Chespirito.

Analisar, no entanto, a história do seriado Chaves, do seu surgimento e desenvolvimento na TV latino-americana, é cair em obviedades. Muito já se falou sobre o assunto e pouco se teria a acrescentar no que se refere a reconstruir a cronologia do seriado. O contrário acontece quando se pretende analisar o que pode ter levado o programa a ser fenômeno de audiência em todas as faixas etárias. Não há pontos que tangenciam o seriado

a qualquer referência sexual ou apelativa, como é rotineiro nos programas humorísticos nacionais.

Para que se pudesse compreender melhor o tema e fosse dada a explicação mais completa ao leitor, foram escolhidas três vertentes de pesquisa que visavam encontrar a resposta para as seguintes perguntas: Como um programa com poucos recursos e quase sem técnica, reprovado por profissionais da área, conseguiu fazer sucesso junto ao público do Brasil? E de que forma as linguagens, tanto verbal quanto não-verbais, utilizadas no seriado, contribuíram para isso?

Inicialmente, na primeira vertente, foi preciso ter a impressão de quem é fanático pelas aventuras do menino da Vila e sua turma. Experiências, avaliações e opiniões sobre a série do ponto de vista dos fãs foram o ponto de partida para a pesquisa. É preciso deixar claro que, apesar fãs, nós, autores deste trabalho, tentamos chegar ao objetivo deste livro da maneira mais equilibrada possível.

Também foi necessário, na segunda vertente, no nosso entender, para dar mais consistência à análise, usar metalinguagem: o Chaves por Chaves, com depoimentos dos profissionais envolvidos na gravação dos episódios, na produção dos roteiros e na adaptação para o português do Brasil. Finalmente, com um breve relato histórico em mãos, foi possível traçar, na terceira vertente, uma linha científica para explicar o programa, às vezes considerado infantil, às vezes simplesmente de humor. Para isso, linguistas e filósofos ajudaram a analisar o panorama do sucesso do seriado no Brasil, buscando relacionar, identificar semelhanças entre o discurso presente em Chaves com as questões ideológicas de seu público e, conseqüentemente, a realidade sociocultural latino-americana, sobretudo brasileira, em que o seriado está contextualizado e inserido.

Conforme Orlandi (2003), no livro *Análise do Discurso: Princípios e procedimentos*, identificar impressões em um texto é relacioná-lo com o contexto sociocultural no qual ele foi produzido. E se o objetivo principal é identificar os motivos do sucesso de público, a análise abrange, também, o período no qual o seriado, no caso, fez sucesso. É certo que não é possível, pelas condições humanas e logísticas, fazer análise condizente com todo o Brasil. As diferenças culturais dentro do país ajudam a dificultar o estudo. Por isso, os fãs e pessoas que gostam do seriado, em média escala, tiveram sua realidade sociocultural abordada no livro.

Espera-se, então, com esse trabalho, mostrar como a linguagem na TV funciona para dar a um programa aparentemente simples a condição de sucesso absoluto de audiência sem

sair do cotidiano de cada um de nós.

## **2 OBJETIVO**

A partir do que foi relatado, o objetivo geral deste trabalho foi descobrir e analisar, na visão de fãs, de profissionais envolvidos com a adaptação do seriado para o público brasileiro e de acadêmicos, como linguistas e filósofos, os motivos que levaram e levam o seriado mexicano Chaves (Chavo Del Ocho) a ser sucesso de audiência nos países onde foi exibido, sobretudo no Brasil. Como objetivos específicos, podem ser citados: construir um relato até então inédito sobre a relação de Chaves com seu público, já que todas as outras obras que retratam o seriado no Brasil preocupam-se em abordá-lo de forma cronológica, procurando focar no surgimento de Chaves, em bastidores e histórias sobre a montagem do seriado no México; promover uma relação de Chaves com questões socioculturais da América Latina, principalmente do Brasil, desmistificando a tese de que se trata de um seriado banal, ou que não tivesse conteúdo que justificasse um estudo acadêmico por meio de um livro-reportagem; e, finalmente, contribuir para um abrir um espaço na universidade para a discussão do comportamento da audiência em televisão, item que deve compor a formação do jornalista contemporâneo.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Quem é fã ou, ao menos, assistiu a um episódio do seriado Chaves já reparou em como o cenário e as vestimentas dos personagens são precárias, feitos com materiais simples. Mas, mesmo com a produção considerada sem uma estrutura adequada para um programa de televisão, os índices de audiência sempre foram altos. No Brasil, a média histórica é de 12 pontos, chegando a índices de 20 pontos em dezembro de 2000, segundo o Ibope.

Foi essa aparente contradição que nos levou a escolher o tema deste estudo. Como um programa que teria poucos recursos e quase sem técnica conseguiu chamar a atenção das pessoas? Quais os papéis das linguagens, verbal e não-verbais, nesse processo?

Dessas perguntas, poderiam surgir muitas outras como: o sucesso de público estaria, justamente, na precariedade? A falta de recursos e de técnica foram os fatores que aproximaram o seriado do público? As linguagens utilizadas aproximam o seriado da

realidade cotidiana do público do programa? O que Roberto Bolaños, o criador de Chaves, buscou transmitir, por exemplo, ao retratar uma vila, em que o personagem central é um menino pobre que mora num barril?

A inexistência de respostas com embasamento científico fez necessária a realização deste trabalho, visando ao preenchimento de uma lacuna importante para o entendimento não apenas do seriado em si, mas para a compreensão da televisão brasileira e sua audiência.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Para a realização do trabalho, foi preciso partir de uma pesquisa sobre como o programa Chaves foi feito. Uma espécie de “modo de fazer”, composto por dezenas de entrevistas dos atores da série em programas e *sites* brasileiros e mexicanos. Junto a esse garimpo de informações, uma pesquisa bibliográfica sobre a série foi realizada usando revistas, portais e arquivos de fãs.

Feito isso, foi iniciado um trabalho de entrevistas em profundidade com alguns fãs de lugares diferentes do país e de diferentes idades. Esses foram indicados pelos membros do fã-clubes Chespirito Brasil, um dos maiores voltados ao trabalho de Roberto Gómez Bolaños no país. Outros fãs-clubes foram consultados para a elaboração do livro, porém contribuíram apenas com informações a respeito do seriado.

As entrevistas com alguns telespectadores de diferentes perfis fizeram com que o tema ganhasse, concretamente, algum sentido, pois foi provado que, de fato, há gente ligada ao programa em diferentes partes do país. Essas fontes foram abordadas com um questionário de perfil, das quais foram selecionadas cinco pessoas para uma entrevista em profundidade, do tipo semiaberta. De acordo com Duarte (2005), esse tipo de entrevista parte de um breve roteiro pré-definido, que vai ganhando novos contornos à medida que o assunto vai sendo abordado com o entrevistado. O carioca Guilherme Aldeia de Souza, de quinze anos; o carioca Eduardo Gouvêa Lousada, de 25 anos; o paulista de Franca Antônio Felipe Purcino, de 22 anos; a brasiliense Roselene Cândida Alves, de 30 anos; e o cearense Manuel Alexandre Vasconcelos, de 19 anos, foram os selecionados por possuírem diferentes níveis de escolaridade e de renda e serem de lugares diferentes do Brasil.

Para que o público leigo referente ao seriado fosse ambientado, foi traçado um breve resumo da série. Vale ressaltar também que todos os números referentes à audiência

apresentados no livro são do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope).

Para a segunda parte do livro, buscamos conversar com profissionais envolvidos direta e indiretamente na produção original e adaptação do programa para o português. Houve uma conversa com Nelson Machado, dublador do personagem Kiko e co-diretor de dublagem. Informações do responsável pela trilha sonora de Chaves no Brasil, Mario Lúcio de Freitas, também foram coletadas.

Buscou-se saber como foi a estadia dos episódios do programa na emissora que detém os direitos de exibição no país há trinta anos. Para isso, entrevistas com o diretor artístico do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Vanderlei Villa Nova, com o diretor comercial da emissora, Henrique Casciato, além de informações e a opinião do crítico de TV do portal de internet UOL (Universo Online) Mauricio Stycer, foram cruciais para a desconstrução de tal fenômeno de audiência, agora, visto de forma técnica, como apenas um entre tantos programas televisivos de humor.

A terceira parte do livro se constituiu em explicar o seriado depois de pronto do ponto de vista de vertentes filosóficas. A linha de pensamento francesa da Análise do Discurso está presente, porque, com ela, foi possível relacionar o objeto de estudo, no caso o seriado Chaves, com as questões socioculturais de seu público. O estudo foi complementado traçando paralelos a outros nomes consagrados do pensamento filosófico, como Friederich Nietzsche e Michel Foucault.

Para a análise da linguagem verbal, é importante salientar que o estudo considerou os episódios dublados e, conseqüentemente, as adaptações feitas da Língua Espanhola para a Portuguesa, tendo em vista que o campo de análise do que se refere ao sucesso de público se restringe ao território brasileiro. Cabe lembrar, ainda, que a Filosofia, e aí se inclui a Análise do Discurso, oferece subsídios para analisar tanto a linguagem verbal quanto as não-verbais, como a cenografia e as vestimentas das personagens nesse caso específico. Recortes de episódios escolhidos pelos fãs entrevistados foram analisados e discutidos a partir do amparo teórico mencionado.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O livro “Chaves: o segredo do sucesso” foi desenvolvido de março a novembro de 2011 e apresentado, em dezembro do mesmo ano, no Centro Universitário Barão de Mauá

em Ribeirão Preto/SP, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

O livro tem 92 páginas, exceto a capa. Cada página tem a medida de 13,5 cm de largura por 20,5 cm de altura, para permitir que o leitor o carregue com facilidade entre seus pertences. Além do que o formato, considerado pequeno em relação à maioria dos outros livros, ajuda a leitura, já que pode ser manuseado com facilidade. A impressão foi feita em papel sulfite 75 g/m<sup>2</sup> e a capa em papel cartolina 120 g/m<sup>2</sup>. Foram impressos, inicialmente, 10 exemplares, distribuídos à banca examinadora do trabalho e familiares dos autores.

O livro contém um prefácio, escrito pelo jornalista e professor universitário Igor José Siquieri Savenhago, orientador do trabalho, seguido por três capítulos, como já antecipado: o primeiro, intitulado “Isso, Isso, Isso”, com a participação de fãs do seriado. O segundo, com o título “Foi sem querer querendo”, traz a visão de profissionais envolvidos na adaptação do seriado para o público brasileiro. E o terceiro, denominado “Da parte de quem?”, promove uma discussão sob o ponto de vista de linguistas e filósofos a respeito das linguagens verbal e não-verbais de Chaves e como elas contribuíram para o sucesso de audiência do seriado.

Os títulos, tanto dos capítulos quanto do prefácio, da apresentação e das considerações finais, referem-se a bordões que ficaram famosos no Brasil por causa do seriado e que ajudam a contextualizar e explicar os assuntos tratados nas respectivas partes do livro. O conteúdo do trabalho é complementado com ilustrações do desenhista Rafael Fernandes, de Ribeirão Preto, e fotos dos arquivos pessoais de fãs.

A capa, montada a partir de caricaturas feitas originalmente para o desenho animado de Chaves no Brasil, foi elaborada de modo que a disposição dos personagens deixa transparecer que um está interagindo com outro, no intuito de criar algo dinâmico, que dialogue também com o leitor e o faça sentir vontade de abrir o livro. Na quarta capa, mais uma ilustração de Rafael Fernandes e um texto que busca, ao mesmo tempo, resumir o livro e brincar com o leitor, uma espécie de convite para que o leitor se estimule a participar da obra.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Apesar do sucesso de audiência junto ao público de todos os países pelos quais passou e não é diferente da América Latina, e aí se inclui o Brasil, e a proximidade com os fãs por variados motivos, que são citados no livro, Chaves ainda enfrenta um preconceito na academia. Quando nós, autores desse livro, dissemos a amigos ou colegas de profissão que estudaríamos o seriado como Trabalho de Conclusão de Curso quase fomos motivados de

chacota. A aparente simplicidade do seriado, suas inúmeras reprises no Brasil, o que dão a Chaves a característica de ser um tema “batido”, o fato de ser uma produção mexicana, distante do *status* de produções norte-americanas ou europeias para a televisão, e a ideia pré-concebida de que Chaves não oferece um conteúdo digno de estudos acadêmicos, fazem com que a criação de Roberto Bolaños seja vista de forma preconceituosa.

Diante disso, esse modesto livro tentou agir num sentido contrário: buscar abrir, na universidade, espaços para que se discutam manifestações que ganham destaque popular ou que, apesar de serem consideradas temas marginais, são responsáveis por impressionante proximidade com o público.

Considerando essas questões, é possível então perguntar: para que serviria a academia se não para entender como seus objetos de estudo se relacionam com a realidade concreta, a sociedade lá fora?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMO, Alexandre. **A experiência do Status: roupa e moda na trama social**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

BOLAÑOS, Roberto Gómez. **Diário do Chaves**. Trad. Fabiana Camargo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Ricardo Valladares. **Revista Veja**: São Paulo, 20 de outubro de 1999, p. 13.

CORREA, Vinícius Martins. **Chaves e a Filosofia**. Disponível em <http://www.chaveseafilosofia.com.br>. Acesso em 15 de setembro de 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica**. São Paulo: Perspectiva, 1963.

IRWIN, Willian; SKOBLE, Aeon; CONARD, Mark. **Os Simpsons e a Filosofia**. Trad. Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Editora Madras, 2007.

JOLY, Luís; THULER, Fernando e FRANCO, Paulo. **Chaves: Foi sem querer querendo**. São Paulo: Matrix, 2005.

KASHNER, Pablo. **Chaves de um sucesso**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.

LINS, João Cláudio. **Chaves: Um estereótipo da latinidade mexicana.** Disponível em [http:// natelinha.uol.com.br/2008/11/14/not\\_18755.php](http://natelinha.uol.com.br/2008/11/14/not_18755.php). Acesso em 6 de maio de 2011.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso, uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Unicamp, 1995.

SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco, RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **História da televisão no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, Ana Carolina. O astuto homem do barril. **Revista Contigo:** São Paulo, 19 de agosto de 2004, p. 34.

#### **Fontes:**

ALVES, Roselene. Entrevista concedida a Jacqueline de Brino e Wolfgang Pistori, 11 de agosto de 2011.

CORREA, Vinícius Martins, Entrevista concedida a Jacqueline de Brino e Wolfgang Pistori, 14 de outubro de 2011.

FREITAS, Mário Lúcio, Entrevista concedida a Jacqueline de Brino e Wolfgang Pistori, 2 de setembro de 2011.

GOUVEA, Eduardo. Entrevista concedida a Jacqueline de Brino e Wolfgang Pistori, 11 de agosto de 2011.

MACHADO, Nelson. Entrevista concedida a Jacqueline de Brino e Wolfgang Pistori, 21 de julho de 2011.

PURCINO, Antônio Felipe. Entrevista concedida a Jacqueline de Brino e Wolfgang Pistori, 13 de agosto de 2011.

SOUZA, Guilherme Aldeia. Entrevista concedida a Jacqueline de Brino e Wolfgang Pistori, 12 de agosto de 2011.

STYCER, Maurício. Entrevista concedida a Wolfgang Pistori e Jacqueline de Brino, 14 de outubro de 2011.

VASCONCELOS, Manuel Alexandre. Entrevista concedida a Jacqueline de Brino e Wolfgang Pistori, 11 de agosto de 2011.